

Introdução

O livro tem o objetivo de apresentar Keynes de um modo descomplicado, e, por mais que seja difícil o autor se propõe a cruzar essa missão em seu texto, apresentando elementos e ideias que norteiam o pensamento keynesiano. Explicando agregados macroeconômicos, questões históricas e filosóficas. A obra se debruça na teoria heterodoxa e visa ir contra o mainstream neoliberal, ressuscitando as ideias que vem do próprio Keynes.

A escolha dessa obra para a realização dessa resenha foi pensada com o objetivo de compreender cada vez mais esse economista que é uma das figuras mais emblemáticas da economia, um dos autores que observou o mundo econômico de modo dinâmico e não apenas como algo meramente estático. Maynard expõe a necessidade de compreender a economia como uma ciência moral, e não mais como pura técnica.

O autor do livro, Luiz Gonzaga Belluzzo é um economista de grande nome no espaço heterodoxo brasileiro, formado em Direito pela Universidade de São Paulo em 1965 e doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp em 1975 é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp. Ele é um estudioso de John Maynard Keynes e Karl Marx, e realizou diversas interpretações da sociedade brasileira e do desenvolvimento econômico no país.

1. Os tempos de Keynes

Esse capítulo inicia explicando a formação da era industrial, detalhando a primeira revolução industrial e a formação dos Estado nação, principalmente o inglês, trazendo a ideia de ruptura que ocorreu nesse período nos modos de produção e como isso impactou a

¹Resumo escrito em janeiro de 2024, no âmbito das atividades do PET-Economia da UFCG.

²Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia) e do GAACE-Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica. E-mail: diuarycg@gmail.com.

³Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, tutora do PET-Economia, coordenadora do GAACE. No presente resumo atuou como revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

sociedade. Também é mencionado o caso das industrializações da pioneira inglesa até as tardias, a americana, a alemã e por fim a japonesa, com isso o autor expressa as ideias de Maynard contidas em sua coletânea de escritos.

É dito a visão de Maynard antes e depois da guerra, e é percebido como a guerra mudou a ideia do economista nascido na era vitoriana, o qual começa a questionar a teoria dominante na economia e a filosofia social dos pensadores de sua época. Além disso, é comentado sobre o colapso do padrão ouro e em como o fim dessa instituição tenderia a ser inevitável, apresentando suas fragilidades e a falta de coordenação no pós guerra de um sistema complexo de estabilidade externa. Países como a Inglaterra não poderiam priorizar a estabilidade externa da moeda por conta de muitos fatores, como a conjuntura interna de sua nação, que demandava mudanças a favor da população.

O capítulo finaliza com a nova ordem internacional que viria a se instaurar naquele período do pós II Guerra, com Keynes formulando a *International Clearing Union*, que foi apresentada nas negociações da reforma, antes do encontro de Bretton Woods, A QUAL consistia na criação de um Banco Central Mundial que emitiria uma nova moeda mundial denominada ‘Bancor’, que seria utilizada pelos Bancos Centrais membros.

2. Keynes em seu tempo

O período histórico em que Maynard iniciou a sua jornada é marcado pela conciliação realizada por Stuart Mill entre o utilitarismo de Jeremy Bentham e o idealismo de Samuel Taylor Coleridge, com o industrialismo capitalista realizando o desenvolvimento da metrópole surge a crença na ideia de progresso. Keynes aparece nesse período com uma rebelião contra a moral vitoriana, a sua mãe, Ada Keynes lutou no movimento sufragista indo contra os ideais vitorianos.

Maynard inicia a sua fuga do individualismo utilitarista, com críticas em 1938 em um artigo intitulado *My Early Beliefs*, ele teceu críticas ao platonismo do filósofo britânico da corrente denominada filosofia analítica, G. E Moore e com isso criticou a sua filosofia moral. Os choques causados pela Grande Guerra o fazem perceber que em Bloomsbury os artistas e intelectuais britânicos estavam no mundo dos Diálogos de Platão em busca de uma República distante e leis inexistentes. A virada filosófica e metodológica persistente em Keynes é a

mudança das fantasias individualistas e racionalistas para os labirintos da história, temporalidade e a incerteza.

Em sua obra *A Treatise on Probability* é buscado os fundamentos da teoria da probabilidade que diferencia o mundo físico e o mundo moral, rejeitando enunciar em termos “atomísticos” a atribuição de valores calculáveis a eventos independentes. No mundo social e moral, as probabilidades vão estar associadas ao “peso do argumento”, sendo necessária uma análise qualitativa da circunstância histórica e concreta da ação humana.

Segundo Belluzo (2021), Maynard toma horror ao igualitarismo utilitarista de Bentham e rejeição ao liberalismo vitoriano, ao caminhar em direção a Teoria Geral ele construiu a ruptura com a Escola Clássica. Em *As consequências econômicas da paz* ele desmontou o impacto do Tratado de Versalhes que teve por objetivo a destruição econômica e social da Alemanha por meio das exigências de reparações, os vencedores impediram as operações da frota naval alemã em um momento que era necessário saldos comerciais mais elevados para realizar o pagamento das reparações, destacando que o país se encontrava com uma economia debilitada pela guerra.

No texto *A Tract on Monetary Reform* Keynes vai contra a naturalização do dinheiro que o transforma em mero meio de troca, algo comum nas crenças e práticas do padrão-ouro. Assim, Keynes se mostra contra postulados naturalistas da Escola Clássica que possui como paradigma científico a mecânica clássica e como paradigma moral o utilitarismo da filosofia radical do final do século XVIII. Já em seu artigo *O fim do laissez-faire* de 1926, Maynard apresenta as incongruências entre a ideologia do liberalismo econômico puro e as realidades construídas em seu tempo pelo movimento de transformação do capitalismo. Já em seu trabalho *Essays in Persuasion* ele diz a respeito de não ocorrer um egoísmo esclarecido, todos são individualistas e egoístas, porém diante de um problema esse egoísmo levaria sempre em direção ao interesse público, até porque o autointeresse em geral não é esclarecido e não levará ao bem-estar da população.

Válido destacar, que Keynes desejava a igualdade, porém repudiando o igualitarismo que ele dizia vir do benthamismo e o marxismo, que segundo ele disse eram filhos do utilitarismo e do “vício ricardiano”. Keynes possuía uma ideia de sociedade ideal, ONDE nessa nova sociedade como na República de Platão as vulgaridades e a acumulação de riqueza material estariam sob o controle de indivíduos sábios e não mais submetidos ao

mercado e seus protagonistas ignorantes.

Em seu artigo *Economic Possibilities for our Grandchildren*, com a intenção de superar o pessimismo da Grande Depressão, período marcado pela derrocada econômica, desespero social, e turbulência política, Maynard escreve as possibilidades econômicas para os 100 anos seguintes, para ele o avanço tecnológico e a rápida acumulação produtiva criou um ambiente em que seria possível superar as limitações impostas a milênios, no que tange as necessidades básicas. A contínua insatisfação com as necessidades ilimitadas submetem as criaturas humanas ao vício do consumismo, havendo amarras que levarão ao impulso insaciável da acumulação de riqueza monetária. O amor ao dinheiro é o sentimento que move os indivíduos em uma economia mercantil-capitalista, mas esse fator de progresso e mudança social degenera em vício e tormento na sociedade moderna, sendo necessário o abandono do sentimento *the love of money*.

3. Da Teoria Geral ao *Treatise*: a luta para escapar das velhas ideias

Keynes não chegou imediatamente ao conceito de economia monetária de produção, foi um trajeto percorrido à medida que foi abandonando as ideias que adotou em sua formação e esse abandono possibilitou a formação de um novo pensamento. Com isso, Maynard escreve no prefácio da Teoria Geral a respeito da estática e dinâmica, em que a estática seria como câmeras fotográficas que captam apenas um momento da economia, porém a dinâmica era confusa.

Em seu texto *A Treatise on Money* ele se dedica a questionar a teoria quantitativa da moeda, porém uma das dificuldades teóricas desse trabalho era o de entender a economia dinamicamente. Ele constata que a divisão da renda pelo público, entre consumo e poupança, depende da taxa natural de juros, além disso ele escreve neste trabalho a respeito de uma economia de dois ativos, moeda e *securities* para compreender as preferências do público, entre diferentes ativos, com distintos graus de risco, rentabilidade e liquidez. Keynes então exemplifica a situação por meio de dois perfis de investidores, os quais denomina de “baixistas”, que realizam previsões no que diz respeito à elevação na taxa de juros e, por conseguinte queda no preço dos títulos, e os “altistas”, que tendem a realizar previsões apostando na queda na taxa de juros e, conseqüentemente, na elevação no preço dos títulos,

dada a relação inversa entre a taxa de juros e o preço dos títulos.

Maynard busca fugir da relação direta entre variação na quantidade de moeda e variação no nível de preços, que sustenta a TQM (Teoria Quantitativa da Moeda). Na verdade, ele escreve que são as variações nas relações entre poupança e investimento que vão resultar em variações no nível geral de preços, e as variáveis poupança e investimento vão ser afetadas pelas mudanças na taxa monetária de mercado, que condiciona a oferta de crédito. A exemplo, uma elevação da taxa de juros estimula a poupança e inibe o investimento, o oposto também é válido, uma redução na taxa de juros inibe a poupança e estimula o investimento. Contudo, o nível de taxa de juros é uma variável necessária no estímulo ao investimento, mas não suficiente e Keynes discute essa questão também, colocando no centro de sua análise o princípio da demanda efetiva.

Os desequilíbrios entre poupança e investimento vão resultar em inflação/deflação de lucros e impactam os preços repercutindo sobre a remuneração dos fatores de produção. Em *A Treatise on Money* Keynes usa a ideia de decisão empresarial da Escola Clássica, não diferenciando as funções do empresário e da população consumidora e poupadora. Em função disso, Belluzzo destaca a influência marshalliana presente nesse texto, dado que Keynes não compreende nesse texto a natureza da integração dos fatores reais e os fatores monetários, não formulando ainda o conceito de economia monetária de produção.

Porém, apesar de ainda estar preso em ideias marshallianas, houve avanços nesse trabalho que precisam ser destacados, como a divisão da produção em bens de consumo e bens de capital e da geração da renda da comunidade em departamentos, e desse modo se inicia a observação da dinâmica capitalista. É escrito a respeito da endogeneidade da moeda, por conta da criação da moeda por meio de empréstimos bancários que criam depósitos desvencilhando a teoria econômica da armadilha da oferta exógena de moeda, considerada na teoria quantitativa da moeda.

Ele desenvolve nesse texto as condições para a formulação do conceito de preferência pela liquidez. Na Teoria Geral a demanda por moeda por motivo de transação aparece, mas não é um fenômeno exclusivo da circulação industrial. Por seu turno, a demanda por moeda especulativa responde à dinâmica da circulação financeira. Vai haver um conflito entre as funções do dinheiro, meio de circulação e de pagamento em um lado, e no outro a reserva de valor. Assim, para que se alcance uma posição de “equilíbrio” serão necessárias um

“equilíbrio” de opiniões entre os proprietários da riqueza de perfis “baixistas” e “altistas”.

4. O Capitalismo de Keynes e a Demanda Efetiva

A construção do princípio da demanda efetiva é uma derivação original das curvas de demanda e oferta marshalliana, durante o caminho para essa ideia fundamental na macroeconomia (termo jamais empregado por Keynes) Maynard realiza a distinção entre dois tipos de economia: Primeiro a economia cooperativa, onde se cumprem os postulados da economia clássica, e segundo, a economia empresarial, que funciona de acordo com o circuito dinheiro-mercadoria-dinheiro, conhecido como D-M-D’.

Maynard afirma que o empresário não está interessado no volume da produção e sim no valor monetário que essa produção lhe renderá, o lucro, mesmo que a sua produção reduza durante a elevação desse valor monetário. É preciso compreender que ao desenvolver a ideia de economia monetária de produção ele divide a sociedade em dois grupos, um deles detentor dos meios de produção e o comando sobre o dinheiro e o crédito, o segundo grupo só possui a sua força de trabalho, para receber em troca de um salário monetário.

No texto *General Theory and After, Part II*, Keynes destaca que a renda é criada pelo gasto dos capitalistas na produção dos bens de consumo e bens de investimento, também afirma que os gastos de consumo dependem do montante da renda, e não menos importante que o investimento é a variável determinante no processo de formação de renda, logo da capacidade de consumo do “público”.

O princípio da demanda efetiva possui implicitamente a dinâmica da economia monetária de produção em que as forças positivas do “amor ao dinheiro” estimulam o grupo dos detentores dos meios de produção a ‘saltar o abismo’ da incerteza. Porém, em um movimento contraditório, as forças do “amor ao dinheiro” podem inibir o *animal spirit* e prolongar a estagnação da economia.

Desse modo, a demanda efetiva é um conceito fundado no “estado de expectativas” dos que decidem a produção no departamento dos bens de consumo e no departamento de bens de investimento, e a interseção entre as funções de oferta e demanda determina um ponto em que se efetiva as decisões dos empresários-capitalistas, em um certo estado de expectativa. O ponto da demanda efetiva se desloca pela curva de demanda efetiva com as

alterações das avaliações empresariais.

5. Investimento, poupança e avaliação da riqueza na economia monetária da produção

A poupança é um ato “negativo”, pois, quando os agentes decidem aumentar o estoque de riqueza privada para usar como um poder social, elevando a propensão a poupar das famílias, resultará em menor receita das empresas que produzem bens de consumo, com isso ocasionando declínio do emprego e da renda. Os empresários investidores demandam liquidez e isso não pode ser obtido das poupanças futuras.

A poupança agregada será os lucros obtidos pelas empresas e a renda não gasta pelas famílias, de forma que a poupança terá uma dupla natureza como fluxo, primeiro, se abstendo do consumo e sendo um ato negativo, e segundo, o ato positivo será a adição ao estoque de direitos sobre a renda e a riqueza. Porém, a acumulação da riqueza pelos rentistas vai elevar a propensão a poupar da economia resultando em uma redução do gasto privado e aprofundando a desigualdade na distribuição de renda.

Decidir investir é algo complexo, no caso da aquisição de um bem de capital essa compra facilitará a produção de um ou mais bens específicos, o empresário vai estimar um rendimento descontado à taxa monetária de juro do mercado, com base na expectativa de demanda para o seu produto, ao longo do período de maturação do investimento. Os economistas Wynne Godley e Marc Lavoie partindo da macroeconomia keynesiana constroem um modelo em que ocorre contrapartidas nos “fluxos de fundos” por conta das mudanças de composição dos estoques, nos ativos e os passivos. Com isso, Godley e Lavoie introduzem o tempo histórico na dinâmica capitalista.

É necessário um sistema bancário incumbido de gerar a riqueza social, realizando depósitos a vista e o financiamento de empresas, sendo é impossível compreender a dinâmica capitalista sem entender as inter-relações entre os balanços dos bancos, empresas, famílias, governos e setor externo. O movimento de expansão da economia vai do abandono da liquidez (a exemplo, por meio da criação de crédito para financiar os gastos de investimento e de consumo) à efetivação de investimentos na produção, que irão ampliar a renda, resultando em acumulação de ativos e passivos nos balanços dos agentes, na fase ascendente do ciclo econômico.

6. Demanda Efetiva e a peculiaridade do dinheiro na economia monetária da produção

No texto *A Treatise on Money* Keynes traz o sistema bancário como pedra angular da gestão do gasto da riqueza capitalista, por adiantar recursos livres e líquidos para o empresário realizar o investimento e contratar trabalhadores. Além disso, os mercados de crédito e de capitais estabelecem as condições que regem a taxa monetária de juro. A riqueza capitalista pode ser contabilizada através dos títulos, estoque de matéria prima e produtos acabados, e bens duráveis de capital e, sempre diante da possibilidade de se converterem em dinheiro, que é a forma geral da riqueza.

As decisões dos capitalistas a partir das expectativas, são tomadas com a evolução de dois conjuntos de preços, os preços da produção corrente e as variações esperadas nos preços das dívidas contraídas para sustentar a posse daqueles ativos. O valor monetário do produto e da renda que vão ser criados vão depender da relação entre os dois conjuntos de preços. A incerteza com respeito a “validade dos valores” da riqueza real e financeira vai fazer com que o conjunto da economia corra pela busca da liquidez e isso vai resultar em alteração dos portfólios.

A taxa monetária de juro, a propensão marginal a consumir e a eficiência marginal do capital são algumas das variáveis independentes do “modelo” construído na *Teoria Geral*, e essas variáveis regulam o investimento e o consumo, sendo essa, segundo Belluzzo, a passagem crucial do *Treatise* para a *Teoria Geral*.

No artigo “A teoria geral do emprego” Keynes afirma que os economistas clássicos deixam de destacar as duas funções cruciais do dinheiro em uma economia monetária: primeiro como numerário, denominando o valor monetário dos bens, serviços e contratos, e segundo como “reserva de valor”, sendo que nessa função o dinheiro é tido como a forma final de acumulação de riqueza no capitalismo. No capítulo XVII da *Teoria Geral* ele destaca as propriedades do dinheiro, em especial dizendo que o dinheiro possui elasticidade de produção e de substituição nula ou irrelevantes, sendo assim os capitalistas não podem contratar mais trabalhadores para produzirem dinheiro.

Em *A Treatise on Money*, no capítulo I, Maynard define a natureza da economia monetária em oposição a uma economia de troca, nessa primeira o dinheiro alcançando a

condição de poder social, vai regular as transações entre os possuidores privados de riqueza. Nesse sentido, todas as mercadorias, ativos e títulos de dívida ganham a denominação imposta pelo dinheiro estatal em sua função de moeda de conta. Com relação ao caráter mercantil da moeda, ela não é uma mercadoria, mas sim uma instituição social.

A taxa de juros é um fenômeno monetário, com suas flutuações exprimindo maior ou menor preferência do “público” pela posse da forma geral da riqueza, o dinheiro. A fixação do “preço do dinheiro” pelo Banco Central, por meio da taxa de juros básica, tem o objetivo de influenciar o movimento das taxas longas e afetará as composições dos portfólios dos detentores da riqueza. Por exemplo, em uma crise de liquidez os portfólios correm para o ativo que encarna no imaginário social e na prática dos agentes privados a forma geral da riqueza, ou seja, o dinheiro. Porém, quando todos correm para a liquidez poucos conseguem. O “amor ao dinheiro” rasteja pela alma daqueles que possuem riqueza, costumando aparecer diante de todos, encarnado no desemprego (BELLUZO, 2021, p. 72).

7. Incerteza radical, convenções e prêmio de liquidez

As convenções desempenham um papel na formação de preços dos ativos reais e financeiros, as quais estão sujeitas à incerteza radical. Essa incerteza é o estado permanente sobre o qual repousam as decisões de longo prazo, que regem o investimento em uma economia capitalista. Os detentores de riqueza são levados a tomar decisões com base nas convenções, se apoiando na opinião dos demais. Dessa forma Keynes introduz na teoria econômica as relações complexas entre Estrutura e Ação.

Os mercados financeiros são construídos para reduzir a incerteza, porém elevam a instabilidade da economia, em especial as decisões importantes como a de realizar investimento. Os mercados de transação de ativos é o local onde se formam as convenções, e, ao introduzir as convenções, Maynard trouxe para a economia a precariedade da condição humana.

Hyman Minsky compreendeu criativamente os escritos de Keynes no que diz respeito ao papel central da liquidez nas relações entre crédito e formação de preço dos ativos, desenvolvendo as posturas dos agentes em decorrência da posição dos balanços, no tocante ao grau de endividamento e a motivação para seguir se endividando e a demanda por

liquidez, em função da conjuntura econômica.

8. A nova macroeconomia do equilíbrio geral e a ocultação da instabilidade do capitalismo

George Shackle afirma que na formulação das hipóteses na economia é necessário levar em consideração o tempo histórico e a dimensão onde ocorre a ação humana, ele chama atenção para as decisões empresariais que “criam o futuro” (aspas do autor) mudando a configuração da economia. O economista Antonio Garrido de la Morena estuda as diferenças entre a macroeconomia neoclássica e os modelos keynesianos de fluxo e estoque, e afirma que tanto o modelo IS-LM quanto o AS-AD (Aggregate Supply / Aggregate Demand) só possuem um ativo em seu modelo, que é o dinheiro, e uma taxa de rentabilidade (taxa de juros). Além disso, o tempo aparenta estar congelado e existente uma evidente dicotomia entre o real e o monetário.

Durante o momento histórico denominado o monetarismo Marco II ele se propõe a demonstrar a ineficiência da política monetária, sublinha-se Robert Lucas que expulsou a incerteza do debate acadêmico, e os modelos dinâmicos estocásticos de equilíbrio geral não contemplam a existência do dinheiro, bancos e mercados financeiros, ou seja, o dinheiro foi excluído pelos modelos macroeconômicos.

Belluzo finaliza esse capítulo mostrando que A vida dos homens comuns vai depender do volume de gastos que os capitalistas estão dispostos a realizar criando mais renda e mais emprego.

9. Considerações sobre a dinâmica e a instabilidade do capitalismo

Durante o século XX, Michel Kalecki formulou nos anos a célebre expressão “os capitalistas ganham o que gastam e os trabalhadores gastam o que ganham”. Considera-se que Keynes e Kalecki fundaram o método de análise da economia como um todo, afirmando que o crescimento dependia que a comunidade colocasse mais dinheiro na economia do que dela retirasse. O sistema capitalista incorporou à sua dinâmica o sistema de crédito, que possibilitou aos empresários financiarem a aquisição dos meios de produção e a contratação

de novos trabalhadores, para ampliar seus lucros.

Conforme o princípio da demanda efetiva, o gasto cria a renda e a existência do crédito permite gastar acima da renda corrente, de modo que as decisões de gasto dos capitalistas sustentam o nível de renda e emprego. Logo, o conjunto de decisões de gasto vai determinar a renda da comunidade, de acordo com o princípio da demanda efetiva, já mencionado.

A instabilidade do capitalismo decorre fundamentalmente da questão problemática de adquirir novos bens de produção mediante estimativas a respeito do rendimento futuro, e é necessário destacar o caráter passivo do gasto dos trabalhadores, pois ele depende da disposição dos capitalistas de elevar o volume de emprego e a massa salarial. Como consequência, a estabilização do investimento e a regulação das finanças deveriam ser políticas permanentes do Estado, de acordo com Keynes, o qual defendia essa proposta para neutralizar os surtos de euforia seguidos por crises deflacionárias e quedas da renda e do emprego em uma economia monetária de produção.

10. Considerações sobre a filosofia social de Keynes

Keynes defendia um reformismo mais radical do que alguns keynesianos estão dispostos a admitir, desenvolvendo uma proposta radical de longo prazo, com base em quatro pontos essenciais para conter a instabilidade do capitalismo: socialização do investimento; sistema fiscal progressivo e transferência de renda para as camadas sociais com alta propensão a consumir; eutanasia do rentista⁴; e sistema monetário internacional público e centralizado.

Além disso, considerava a recomendação da criação do orçamento de capital com o objetivo de amortecer as tendências à flutuação do investimento privado e a reprimir os abismos da preferência pela liquidez. O sistema fiscal deve ser construído para permitir a redistribuição da renda dos mais ricos para as classes menos favorecidas para manter o consumo crescendo com a mesma velocidade da expansão da renda.

A socialização do investimento está associada à eutanasia do rentista, que implica na

⁴ A eutanásia do rentista consistiria em um ponto em que o capital deixaria de ser escasso e o *rentier* desapareceria da sociedade.

abolição do poder dos possuidores de posses e administradores da riqueza líquida. A medida que a economia se aproximasse dos territórios da abundância, o rentista tenderia a desaparecer, já que nas terras da abundância acabaria a escassez do capital e a acumulação estéril de riqueza monetária não criaria mais restrições ao investimento produtivo, não colocaria restrições à economia.

11. Keynes em Bretton Woods

Maynard defendeu em Bretton Woods uma administração centralizada e pública do sistema internacional de pagamentos e de criação de liquidez, a defesa de uma instituição supranacional, isto é, o banco central dos bancos centrais. Os representantes da Inglaterra e dos Estados Unidos foram respectivamente Keynes e Dexter White, o plano de Maynard era a *International Clearing Union*, sendo esse o banco central dos bancos centrais, sendo responsável pela emissão de uma moeda bancária, o ‘Bancor’.

O plano Keynes facilitaria o crédito aos países deficitários e penalizaria os países superavitários. Não haveria mais livre movimentação de capitais em busca de arbitragem ou ganhos especulativos. Porém, as propostas sofreram restrições dos Estados Unidos, que no contexto de Bretton Woods era o credor do resto do mundo e superavitário nas relações comerciais. O sistema monetário de Bretton Woods foi menos internacionalista do que desejavam os sonhadores da nova ordem mundial, mas o futuro reservou solavancos e colisões nas relações comerciais e financeiras entre as nações.

12. Da utopia keynesiana à reação neoliberal

No século XX, até os anos 1970 o crescimento econômico dos países do Atlântico Norte era acompanhado de aumento dos salários reais, e havia uma maior igualdade dentro da escala de salários. A arquitetura capitalista do pós-guerra ensejou a convivência entre estabilidade monetária, crescimento rápido e ampliação do consumo dos assalariados e dos direitos sociais, essa arquitetura durou até meados dos anos 1970.

A partir dos anos 1980, as políticas neoliberais passaram a ser implementadas com o objetivo quase único de estabilidade monetária e se davam mediante o tripé: regimes de

metas de inflação, câmbio flexível e superávit primário nas contas públicas. A partir de então, o Estado passa a realizar projetos de desregulamentação financeira, flexibilização dos mercados de trabalho e opera como agente garantidor da internacionalização da grande empresa. Surge a maníaca obsessão pela redução de custos, a empresa contemporânea vai em direção à concentração da riqueza e da renda, ao mesmo tempo que falha na geração de empregos, na oferta de segurança aos que ainda consegue empregar e em encorajar os empregados com perspectivas de melhores salários.

Com a era Reagan, pai das reformas a favor do mercado, os rendimentos do capital tiveram um aumento na participação da renda agregada, fato esse ocorrido no denominado país das oportunidades, os Estados Unidos. Com isso, nas últimas décadas a destruição dos postos de trabalho mais qualificados na indústria de transformação, *pari passu* ao movimento flexibilização do trabalho, a qual tornou o trabalhador permanentemente disponível para atender às demandas do empregador ou contratante.

Surge o precariado, o proletariado que se encontra em uma situação precária, essas pessoas entram e saem de empregos, e diferente do antigo proletário, o precariado está sujeito a outros modos de exploração e a diversas formas de opressão, por estarem fora do mercado de trabalho formalmente remunerado. Além disso, o precariado perde seus direitos civis, culturais, políticos, sociais e econômicos, implicando na ausência de identidade ocupacional, ocasionando perda de significado na existência no que tange a ocupação do indivíduo ligado ao processo laboral.

13. Desigualdade e dívida pública

No último capítulo do livro, é dito a respeito do fenômeno da “liberalização dos mercados”, resultando na globalização financeira e na centralização do controle da riqueza líquida nas instituições financeiras. A natureza intrinsecamente rentista do capital financeiro e a valorização fictícia tomam conta da economia capitalista contemporânea. Nos Estados Unidos, como proporção do PIB, o valor dos empréstimos bancários para outras instituições financeiras é atualmente quatro vezes maior do que os créditos destinados a financiar a criação de emprego e renda no setor produtivo.

Nas décadas posteriores a de 1960 se observou nas empresas que mais dólares eram

gastos com dividendos pagos aos acionistas, e menos era gasto com investimento nas fábricas e na contratação de trabalhadores. Na base da apropriação de renda “rentista” vai haver o inchaço das dívidas públicas nacionais, para compreender essa afirmação se faz necessário entender que os títulos dos governos se constituem no “lastro de última instância” dos mercados financeiros, no que tange à segurança e à liquidez.

A eutanasia do empreendedor é realizada pelo rentismo, o mesmo rentismo que impõe suas razões às políticas monetária e fiscal dos países. países estes que abrem suas contas de capital, realizam a adoção de câmbio flutuante, e que passam ficar à mercê dos mercados de ativos. Dessa maneira, os governos ficam reféns do mercado, prontos a realizar ajuste fiscal e elevar a taxa de juros, prontos a realizar o receituário da austeridade, tudo em nome da remoção dos entraves à livre operação dos mercados.

A globalização permitiu uma maior facilidade na circulação da riqueza e renda dos grupos privilegiados e desestruturou a antiga base tributária na qual havia impostos diretos sobre a renda e a riqueza. Desse modo, a crise financeira de 2008 trouxe ao debate as políticas econômicas keynesianas, principalmente as versões mais vulgares e popularescas das propostas de Keynes.

Referência do livro:

BELLUZO, Luiz Gonzaga. **O tempo de Keynes nos tempos do capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.